

JOAQUIM NUNES

CORJA OPULENTA

Drama Abolicionista em 3 actos

CORJA OPULENTA

DO MESMO AUTOR

PUBLICADOS

- FILHOS DA CANALHA, drama em 3 actos, representado no
theatro S. Luiz em 1883 1\$000
- CORJA OPULENTA, drama em 3 actos 1\$000
- Estas peças acham-se á venda na livraria B. L.
Garnier, rua do Ouvidor, 71.

NO PRÉLO

- ALTAR DO VICIO, drama em 4 actos, prefaciado por Mucio
Teixeira e com musica do maestro Dr. Abdon Milanez.

A PUBLICAR

- CRAPULA, drama em 4 actos.
- A INVEJA, drama em 4 actos.
- MARTYR, drama em 4 actos.
- O CONTRABANDISTA, drama em 5 actos e 11 quadros, extrahido
de um romance.
- MALABAR, scena dramatica.
- O ENGEITADO, scena dramatica para um menino.

JOAQUIM NUNES

CORJA OPULENTA

DRAMA ABOLICIONISTA EM 3 ACTOS

Representado em todas as provincias do Norte



✓

B869.20080352

N972

cod

1887

Rio de Janeiro

Typ. Polytechnica de Moraes & Filhos, rua do Hospicio 149 e 151

—
1887

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 2672

do ano de 1974

A

Mucia Teixeira

OFFERECE

Luquimã Nery

Mucio

Dedicando-te o meu livro, dou publico testemunho de que
és dentre os poetas modernos um dos que mais admiro.

Nunes.

PERSONAGENS

ANTONIO GUERRA, <i>capitalista e ex-negociante de escravos</i>	VASCONCELLOS
JORGE, <i>guarda-livros</i>	IRINEU DOS SANTOS
TIBURCIO, <i>actual negociante de escravos</i>	CASTRO
BERNARDO,	ROCHA
ALICE, <i>filha de Antonio Guerra</i>	JULIETA DOS SANTOS
HENRIQUETA, <i>amante e escrava de Guerra</i>	ADELINA DE CASTRO
LUIZA, <i>mãe de Jorge</i>	FRANCISCA LEAL

Rio de Janeiro — Actualidade.

CORJA OPULENTA

DRAMA ABOLICIONISTA EM 3 ACTOS

Esta peça foi escripta para a pequena actriz rio-grandense Julieta dos Santos, de 10 annos de idade, e por ella representada em todas as provincias do Norte, em 1884.

São reservados os direitos de representação e reimpressão.



ACTO I

O theatro representa uma sala bem mobiliada. Pertas lateraes, e jardim ao fundo.

SCENA I

ALICE

(Entrando pelo fundo, bem vestida e enfeitando-se)
Não creio; não ha quem tenha um pae como o meu!
« Alice,— disse elle esta manhã,— completas hoje nove annos; portanto, vou fazer-te presente de cousas muito bonitinhas. » E se bém o disse, melhor o fez. Comprou-me este vestido, estes sapatos, esta pulseira, e uma linda boneca! Uma boneca muito grande. Toda vestida de seda.... Fala, chora, ri; diz papae, mamãe.... *(Escutando)* Ahi vem elle. Vem conversando com o cafeia.... Pois vou-lhes pregar um susto capaz de os fazer cair porque são muito medrosos. *(Colloca-se atraz da porta)*

SCENA II

ALICE, ANTONIO GUERRA, e TIBURCIO, que entram pelo fundo conversando.

ANTONIO GUERRA

E', é exacto; a escravatura no Brazil morreu. Não ha mais quem possa dar-lhe vida.

ALICE

(Saltando-lhes na frente, e emitán lo um tiro de p^o; a com a bocca) Pum!....

ANTONIO GUERRA

(Recuando, e agarrando-se a Tiburcio, quasi ca-
indo) Ai, Tiburcio! que foi isto? !...

TIBURCIO

(O mesmo) Oh!

ALICE

Não é nada, senhores; fui eu que lhes quiz pregar um susto.

ANTONIO GUERRA

Oh! traquinas dos diabos, devéras me metteste medo! (A Tiburcio) Quem tem escravos, amigo Tiburcio, anda sempre com o coração nas mãos! Safa; que susto!

TIBURCIO

Isso é verdade; qualquer ruído que se faz ouvir já nos parece um escravo emboscado para tirar-nos a vida.

ANTONIO GUERRA

Ou um tiro buscando uma carta de liberdade.

TIBURCIO

Infelizmente tambem isso não é menos certo. Mas...
ouve cá....

ANTONIO GUERRA

Que é?

TIBURCIO

(Não tirando o olhar de Alice) Que tétéia, Guerra....

ANTONIO GUERRA

Gostas d'ella?

TIBURCIO

Muito. Que brinco aquelle!

ANTONIO GUERRA

E', é muito galante.

TIBURCIO

Não é?

ANTONIO GUERRA

E'.

TIBURCIO

Mas como ella hoje está chique, gentes?

ALICE

(Que tem andado á roda de Tiburcio ven lo se lhe pôde pegar nas abas da casaca) Nunca me vio?

TIBURCIO

Não, diabinho! Ah! ladrãozinho....

ANTONIO GUERRA

Aposto que se ella fosse mulher....

TIBURCIO

(Dando com a mão no hombro de Antonio Guerra)
Cala essa bocca, desgraçado....

ANTONIO GUERRA

(Rindo.) Ah! Ah!.... Espera que ella cresça! Pois tu com 40 annos ainda pensa em casamento.... e com ella? Ora, Tiburcio, toma juizo.

TIBURCIO

Não! Quem pensa em tal!.... Está bom.... depois nós falaremos, sim?

ANTONIO GUERRA

(*Com certo tom*) Sim.... nós depois falamos nisso...

TIBURCIO

(*Para Alice*) Para que é que vocemecê está olhando para mim, não me dirá?

ALICE

Para nada.

TIBURCIO

Venha cá, diabrete de uma figa; vae me pagar agora o susto que raspei. (*Tenta seguir al-a*)

ALICE

Heim, cara-feia! não é com essa! Em mim é que vocemecê não pega!

TIBURCIO

Eu te mostro já, minha ratona, eu te mostro já....
(*Corre atraz d'ella*)

ANTONIO GUERRA

Olhem, olhem que diabinho aquelle!

ALICE

(*Correndo por entre a mobilia*) Deixe-me! Olhe que eu faço-lhe dar um tombol...

TIBURCIO

(*Perseguindo-a sempre*) Isso é que eu duvido! Hei de agarrar-te!

ALICE

Pois eu lhe mostro que não! (*Vira uma cadeira*)

TIBURCIO

(*Tropeçando nella e caíndo*) Oh! com a breca!....
Esmurrei as ventas'....

ANTONIO GUERRA

Ora vejam que pequena!

ALICE

Então! Dei-lhe, ou não um tombol?...

TIBURCIO

(*Levantando-se e correndo para ella*) Sim, mas agora não me escapas....

ALICE

Não é com essa, seu caréca!... Hú!... Cara-feia!... Hú!... (*Desapparece pelo fundo*)

SCENA III

Os mesmos, menos ALICE

ANTONIO GUERRA

(*Rindo*) Ah! ah! ah!... E' dos diabos aquella menina!... Levaste um tonibol... (*Rindo*) Ah! ah! ah!... Esmurraste as ventas! Olha, olha elle endireitando a pança!.... (*Ri-se*) Ah! ah! ah!...

TIBURCIO

(*Endireitando-se*) Tu riste, heim!

ANTONIO GUERRA

Ai, Tiburcio! Eu morro de tanto rir!... (*Ri*) Ah! ah! ah!...

TIBURCIO

Achas graça! pois eu não acho nenhuma!

ANTONIO GUERRA

Foi muito boa esta!

TIBURCIO

Foi, mas eu esmurrei o nariz!

ANTONIO GUERRA

Não pensei de me rir tanto hoje!

TIBURCIO

(Depois de ter endireitado o fato) Esta pequena...
Esta pequena... Seriamente, machuquei-me bastante!

SCENA IV

Os mesmos e ALICE

ALICE

(Entrando pelo fundo, e a agarrando-se ás abas da casaca de Tiburcio) Agora virou-se o feitiço contra o feitiçeiro, heim?

ANTONIO GUERRA

Ai, que estás outra vez pegado!

TIBURCIO

Oh! pequena dos diabos, larga-me a casaca!...

ALICE

(Saltando) Não largo! não largo, seu cara-feia; não largo, seu queijo do reino! Não largo, não largo e não largo!...

ANTONIO GUERRA

(Que se tem rido ás gargalhadas e espirrando) Olha o Tiburcio em apuros!... (Continúa a rir e a espirrar, enchugando-se a um lenço de rapê)

TIBURCIO

(Querendo agarrar Alice) Larga-me a casaca!...

ALICE

(Saltando sempre) Não largo, já disse! Não largo, não largo, não largo!...

TIBURCIO

(Exasperado) Larga-me a casaca, diabo! lagar-me a casaca!...

ALICE

Quero lhe arrancar o rabo ou dar-lhe outro tombo! (Tem-n'o ido puxando para traz com direcção a uma cadeira)

TIBURCIO

(Tropeçando na cadeira e caïn lo de costas) Ah! os diabos te carreguem traquinas do inferno!...

ANTONIO GUERRA

Ahi, Tiburcio!

ALICE

(*Rindo*) Ah! ah! ah!... Lá se partio o melão do cara-feia!... Agora que me diverti muito com o senhor, vou deixal-o, heim? Até logo! Hú! Cabeça de lua cheia! Hú!...

TIBURCIO

(*Atirando-lhe com uma cadeira*) Vae-te para o inferno! Vae para o diabo!

ALICE

Não é com essa, seu caréca!... (*Sae pelo fundo*)

SCENA V

Os mesmos, menos ALICE

TIBURCIO

Iribus!... (*Na porta do fundo*) Vem cá! Vem cá que se te apanho estrangulo-te!... (*Descendo*) Ora esta! Se eu soubesse não vinha cá hoje! Que caiporismo! (*Examinando as abas da casaca*) Podia quebrar-me as costellas e arrancar-me as abas da casaca!... Olha que graça!...

ANTONIO GUERRA

Ai! que fartote! que fartote de riso eu tomei, Tiburcio!...

SCENA VI

Os mesmos, e ALICE

ALICE

(*No fundo*) Oh! cara-feia! (*Desapparece*)

TIBURCIO

(*Batendo com os pés*) Passa d'aqui para fóra! Já basta de amolação! Se te deitasse as unhas punha-te os ossos em um mólho, cousa ruim!...

SCENA VII

Os mesmos, menos ALICE

TIBURCIO

Safa!... Fiquei com a pôpa desconcertada... (*Olha receioso para a porta do fundo*)

ANTONIO GUERRA

E' dos diabos! (*Rindo*) Ah! ah! ah!...

TIBURCIO

Ora, ora que quéda eu dei? Que menina! mas que menina aquella?! (*Olha repentinamente para a porta do fundo receiando que Alice tivesse entrado novamente*)

ANTONIO GUERRA

Depois de crescida deve ser uma grande cousa; que dizes, heim, Tiburcio?!

TIBURCIO

Digo.... (*Olhando ainda desconfiado para a porta do fundo*) Digo que sim. A pinta não me falha. Quando mulher, ha de encantar, não só pela sua belleza, como pelo seu talento. Promette, isso lá é verdade. E' uma pequena muitissimo esperta, se bem que um pouco atrevida.

ANTONIO GUERRA

Ah tu sabes; esta gente não precisa de educação.... filhos de escravos.... Mas a questão é que ella ha de ser uma grande *typographia*. Que dizes, Tiburcio?

TIBURCIO

Typographia.?!...

ANTONIO GUERRA

Naturalmente. Quando tenho de admirar um homem de letras, um orador, um jornalista notavel, digo: é um *typographo*! Logo, ella sendo mulher e intelligente como espero, será uma *typographia*!

TIBURCIO

Homem essa!? E' a primeira que ouço. Chamar a um homem talentoso, *typographo*? Ora, ora esta! Esta só tua, Guerra! Tu antigamente não tinhas este costume.

ANTONIO GUERRA

Ah, eu mudo de opiniões como mudo de amantes: hoje uma; amanhã outra....

TIBURCIO

Amantes.... Amantes e escravas, heim, maganão.... Tratemos mais das amantes do que dos *typographos*.... Aposto.... que é mais lucrativo ter *essas* amantes do que uma mulher rica....

ANTONIO GUERRA

(Rindo) Ah! ah! Já se vê! E'.... é mais lucrativo,

homem.... E' mais lucrativo que um casamento muito rico....

TIBURCIO

Sim, heim....

ANTONIO GUERRA

Ora, ora, muito mais.

TIBURCIO

Tem-se filhos com todas ellas.... e depois vendem-se....

ANTONIO GUERRA

Ai que m'os quebras.... Tenho tido mezes de nascerem seis e oito.

TIBURCIO

Que maganão.... Ah! ladrãozinho.... (*Riem-se*) Ah! ah! ah!.... Mas.... vamos ao que se segue.... queres.... queres vender a *typographia*?

ANTONIO GUERRA

O que?!

TIBURCIO

A pequena....

ANTONIO GUERRA

Estás doido!

TIBURCIO

Ora, para que esse espanto! Sem duvida.... é a primeira....

ANTONIO GUERRA

Ah! não; não é a primeira....

TIBURCIO

Então vá, homem, vamos ao ajuste.... Tu sabes que d'aqui não sae nada....

ANTONIO GUERRA

Eu sei.

TIBURCIO

Pois então vamos a isso.... Ah! não queres? Melhor; fico eu com o dinheiro. Não pensemos mais nisso, não pensemos mais nisso. Mudemos de assumpto....

ANTONIO GUERRA

Não; não digo que não.

TIBURCIO

Então vamos lá.

ANTONIO GUERRA

Eu vendo-a. Apesar de que os escravos já não dão nenhum lucro, porém, como ella me custou simplesmente o fabrico..., tudo o que vier é lucro.

TIBURCIO

Eis o caso: perdes apenas o feito.

ANTONIO GUERRA

Mas isto é o diabo.... Ella é ingenua, e tu sabes que o cantaro tantas vezes vae á fonte até que um dia lá deixa a aza. Se a policia o sabe custa-me a brincadeira um bom par de contos.

TIBURCIO

Mas como ha de sabel-o? Tu estás doido. Então isto são cousas que se contem?

ANTONIO GUERRA

Ora, não se contam: tenho de contal-o ao Jorge.

TIBURCIO

Qual Jorge?

ANTONIO GUERRA

Ora, estás te fazendo de besta... Aquelle moço, guarda-livros, que é meu amigo.... Aquelle que está aqui quasi todos os dias a conversar commigo....

TIBURCIO

Ah! sim; não me lembrava. Eu nunca o chamo de Jorge; eu sempre o trato de Armando. O nome d'elle é Jorge Armando.

ANTONIO GUERRA

Mas isso não importa; eu me arranjo com elle. (*Dando certo tom*) Se lhe der para me fazer discursos.... uma d'aquellas de duzentos.... creio que será bastante para o fazer calar....

TIBURCIO

E' até de sobra....

ANTONIO GUERRA

Além d'isso, elle está na persuasão de que, quando eu morrer, o contemplarei no meu testamento.

TIBURCIO

Sim ?

ANTONIO GUERRA

Ah! já se vê. Quando um sujeito como aquelle, que não tem eira nem beira, se faz amigo de um homem como eu, não é para outra cousa. Mas vamos: quanto dás por ella? Póde ser que se realise o negocio: a questão é de pellegas.

TIBURCIO

Antes de entrarmos em ajuste, aconselho-te arredondarmos a cousa: não deves vendersó a pequena....

ANTONIO GUERRA

(*Interrompendo-o*) Oh! diabo, fala baixo!

TIBURCIO

Para quê; não ha mais pessoas em casa, a não ser a mãe d'ella, mas essa mesma, está, como sabes, arumando a meza do jantar. Portanto, ninguem nos póde ouvir. Como ía dizendo, não só deves vender a tua filha, como tambem o resto dos teus escravos. Compro-te tudo de um lote. Bem vêes como está ficando o povo brasileiro. Por toda a parte se ouve: Sou abolicionista! Morram os escravocratas! Viva a abolição! Etc., etc. Eu não tenho prejuizo, tu sabes: quando os compro, passo-os logo adiante; mas contigo dá-se o contrario: quanto mais tempo os tiveres em casa, mais perdes. Isto é como a fazenda encahlada: cada vez se deteriora mais.

ANTONIO GUERRA

E', isso é verdade.

TIBURCIO

Logo, estás muito mal. Olha que elles levam a sua idéia avante. A questão é de mais dia menos dia....

ANTONIO GUERRA

Eu creio que sim. O que mais barulho tem feito é aquelle maldito *pronome*.... Aquelle da *Gazeta*.

TIBURCIO

Pronome....

ANTONIO GUERRA

Sim. Aquelle que põe no fundo dos artigos: *Pronome*.

TIBURCIO

Ah! Proudhomme.

ANTONIO GUERRA

Ou isso, ou isso....

TIBURCIO

Ah! esse é terrivel! Passa-nos cada descompostura capaz de arrancar couro e cabelo.

ANTONIO GUERRA

Aquelle diabo se não fosse abolicionista seria um grande *typographo*!

TIBURCIO

Bem; aceitas ou não o negocio? Queres vender a ranchada toda?

ANTONIO GUERRA

Accito. Vendo-te todos: menos Henriqueta, sabes que....

TIBURCIO

(*Interrompendo*) A mãe da pequena?!

ANTONIO GUERRA

Sim.

TIBURCIO

Mas isso é o diabo; d'essa maneira podemos dar lugar a um escandalo enorme. Henriqueta tem muito amor á filha, e a separação....

ANTONIO GUERRA

(*Exallado*) E que me importa o amor dos escravos!... Se ella se puzer com faniquitos e desmaios, uma fricção de rêlho, dada em ordem, é um santo remédio para cural-a d'essa molestia!

TIBURCIO

Bem, bem; não te exaltes, filho; fica a Henriqueta!

ANTONIO GUERRA

Ah! assim estou de accordo. Vamos então tomar uma chicara de café e concluirêmos o negocio.

TIBURCIO

Pois vamos. (*Para Antonio Guerra, depois de se terem dirigido para o fundo*) Ahi vem Jorge.

ANTONIO GUERRA

(*Olhando para a direita*) E' verdade. Vamos preparando-o para receber a noticia.

TIBURCIO

Homem, vê lá como te arranjas com elle. A esse respeito convém não contares commigo. Olha que aquelle diabo tem uma lingua damnada, e um certo geitinho para passar descalçadellas como ainda não vi outro.

ANTONIO GUERRA

Não ha duvida, homem! Se elle é gigante, eu tambem sou gigante!

TIBURCIO

Pois sim, sim; vae para lá com isso. Arranja-te, arranja-te como puderes, que eu com elle não quero historias. (*Dizendo como que á parte e com certa graça*) Tenho muito respeito cá aos meus fungões. Aquillo se scisma commigo... não te conto nada— é pá, pum, terra! Era uma vez o Tiburcio... ao comprido no chão....

SCENA VIII

Os mesmos e JORGE

JORGE

(*Entrando pela direita, e indo pôr o chapéo junto á porta do fundo*) Sr. Guerra. Sr. Tiburcio, boa tarde.

TIBURCIO

(*A Antonio Guerra*) Olha que figurão. Sempre de luvas....

ANTONIO GUERRA

Ah, elle trata-se, elle trata-se; é um rapaz limpo. (*A Jorge*) Então; ainda agora, heim, seu maganão?

JORGE

E' verdade, Sr. Guerra. Motivos de grande importancia me impediram de vir hoje ao jantar dos senhores, para o qual teve a delicadeza de me pedir hontem que não faltasse. (*Vae descalçando as luvas*)

ANTONIO GUERRA

Alice já me fez vêr que vae censural-o bastante por essa falta.

TIBURCIO

Ficou muito zangada. (*Senta-se com Antonio Guerra no centro da scena*)

JORGE

(*Sentando-se familiarmente n'um canapé d esquerda*) Coitadinha. Prometti-lhe ser pontual, mas o motivo da minha falta é muito justo. Hontem, logo que saí d'aqui, fui encontrar minha pobre mãe gravemente enferma.

ANTONIO GUERRA

Oh!

JORGE

Assustei-me todo; não sabia o que fazer. Chamei logo um medico, fui buscar remedios, e até ao momento de partir para aqui não lhe tinha abandonado a cabeceira do leito nem um instante apenas.

ANTONIO GUERRA

(*Approvando o procedimento de Jorge*) Então, heim.

JORGE

Porém, como havia duas horas se achava melhor, e ella propria me pedisse para não faltar, ao menos, por uma satisfação, apressei-me a fazer-lhe a vontade, e cumprir, ao mesmo tempo, um dever em que estava empenhado com o meu amigo.

ANTONIO GUERRA

(*A Tiburcio*) Felizmente estou livre d'estas maçadas de paes porque não sei quem são os meus. (*Para Jorge*) Bem; por minha parte, está desculpado. Agora entenda-se com Alice.

TIBURCIO

(*A Antonio Guerra*) Vês que excellente filho? (*Segredando a Antonio Guerra*) E' preciso lisongear-o....

ANTONIO GUERRA

E' verdade; isto é muito louvavel....

JORGE

Oh! senhores! Pois quem ha que não sacrifique tudo especialmente por sua mãe?

ANTONIO GUERRA

(*A Tiburcio*) Este rapaz ha de ser um excellente *typographo*, heim, Tiburcio?

TIBURCIO

Assim o creio; é um filho modêlo, e um modêlo de filhos.

ANTONIO GUERRA

(*A Jorge*) Muito bem; visto não chegar á hora do jantar, vamos tomar uma chicara de café, que deve estar optimo; foi a propria Alice quem o quiz fazer. Caprichos de creança, como faz annos hoje....

TIBURCIO

(*A' parte, para Antonio Guerra*) Entra, entra no negocio....

ANTONIO GUERRA

Mas.... antes d'isso, preciso contar-lhe uma cousa importante, á cerca da pequena....

TIBURCIO

(*Como que dizendo para si*) E' agora, é agora....

ANTONIO GUERRA

(*Baixo*) Que medo é esse, homem? Estes sujeitos são pouco escrupulosos em pontos de honra.

JORGE

A' cerca de Alice, dizia o senhor.

ANTONIO GUERRA

Sim. Sabes que vou vender os meus escravos.

JORGE

Ah!

TIBURCIO

Não acha que o Guerra faz bem, Sr. Jorge?

JORGE

Acho. (*A Antonio Guerra*) Acho isso prudente, visto que não precisa d'elles; porém... eu acharia mais acertado se os alforriasse a todos. O Sr. Guerra já é muito rico: é um homem que não necessita d'estes nadas. Porque, afinal das contas, isto não lhe adianta em cousa alguma.

TIBURCIO

(*Accudindo*) Oh! isso não! isso não!...

ANTONIO GUERRA

(*A Jorge*) Homem, dinheiro não faz mal a ninguem... Hoje estou rico, é uma verdade, mas amanhã posso estar pobre. Portanto, a prevenção é sempre util, meu amigo. Quanto mais dinheiro se ajunta, mais garantido é o futuro. Olhe, mais certo do que isto não conheço nada. Depois... é um augmento de fortuna para os meus herdeiros; quando eu morrer deixo tudo aos meus amigos.

TIBURCIO

(*Baixo a Antonio Guerra*) Elle não herda; é positivista e os positivistas não herdam.

JORGE

E vende-os todos?

ANTONIO GUERRA

Todos.

JORGE

Mas, senhor Guerra, quem vae sentir muito com isso é a menina Alice....

TIBURCIO

(Comsigo) Ai, ai, ai!

JORGE

(Concluindo a phrase) Porque tem que ficar sozinha com sua mãe.

ANTONIO GUERRA

Não; essa tambem vae no lote.

TIBURCIO

(Baixo) Livra, Guerra! Vae vendo por onde has de sair!

ANTONIO GUERRA

(Rugindo como uma féra) Tu não me conheces....

JORGE

(Estupefacto) O que disse o Sr. Guerra?

ANTONIO GUERRA

Disse que tambem vou vender Alice.

JORGE

Vender....

ANTONIO GUERRA

(A Tiburcio) Parece que não gostou.

TIBURCIO

Eu não te tenho dito?

JORGE

O Sr. Guerra vae.... vender a.... a menina Alice?!

ANTONIO GUERRA

Vou. Que grande admiração está o senhor fazendo; nem que isto fosse uma cousa do outro mundo....

JORGE

Qual! Não creio! O senhor está gracejando comigo. Isto são cousas que nem lembram aos selvagens!

TIBURCIO

(*Comsigo*) Ai, ai, ai! Ahi começa a trovoada!

ANTONIO GUERRA

Não gracejo. Vou definitivamente vendel-a. O senhor já deve ter sabido, que eu por dinheiro sou capaz de tudo. O dinheiro, meu caro Sr. Jorge, é o que ha de mais poderoso sobre a terra! Portanto, quem não ha de gostar d'elle? Quem não fará tudo para obtel-o?

JORGE

Mas....

ANTONIO GUERRA

O Tiburcio paga-me bem.... é o quanto basta.

JORGE

(*Levantando-se*) Mas eu preciso lembrar-lhe, Sr. Guerra, que os ingenuos nascidos depois da lei de 28 de Setembro, não se vendem, porque não são propriedade de ninguem: são livres por condição!

ANTONIO GUERRA

(*Levantando-se*) Ora, meu amigo, quem lhe encomendou o sermão que lh'o pague! Tem-se vendido

muitos! Assim o Sr. tivesse de contos de reis! Ora esta! Está todo estomagado por uma cousa á tôa!

TIBURCIO

E eu que os tenho comprado.

JORGE

Pois bem! Consinto que se calque aos pés a lei! mas o que eu não consinto é que os paes vendam os proprios filhos!...

TIBURCIO

(*Levantando-se*) E' verdade, mas precisa ver que....

ANTONIO GUERRA

Sim; ver que é filha de uma escrava!

JORGE

Filhos de uma escrava ou não, são seus filhos! E quando nisso haja culpa, vergonha ou erro—quem é o culpado de tudo isso!...

ANTONIO GUERRA

O culpado.... o culpado.... (*A' parte para Tiburcio*) E esta! Este atrevido está-se importando com a minha vida. (*Alto*) O culpado, realmente sou eu.

TIBURCIO

Sr. Jorge, isto não lhe compete saber!

JORGE

O senhor é incompetente para me dar regras de civilidade! Depois, aqui não se trata de civilidade: trata-se de um crime!...

TIBURCIO

(*A' parte*) Safa, que elle não tem pápas na lingua.

ANTONIO GUERRA

(*Interrompendo-o*) Crime?!

JORGE

Porque não! Dar-se-ha caso que o senhor desconheça que é crime vender os filhos? Com effeito! E' preciso ser muito estúpido e muito ignorante!...

ANTONIO GUERRA

Homem, o senhor precisa ver que não me póde insultar e principalmente na minha casa!...

JORGE

Perdão. Não tenho tanto dinheiro como o senhor, mas tenho educação de sobra para conhecer o lugar onde me acho e a categoria das pessoas com quem falo! Manifesto o meu odio na sua presença, porque a minha indignação e independencia de character assim o permitem! E não só o manifesto aqui, como o manifestaria nos palacios, em frente dos reis e dos monarchas!... Digo-lhe isto para ficar sabendo que não sou covarde, Sr. Guerra: sustento as minhas idéas onde quer que seja e sacrifico-me por ellas!...

ANTONIO GUERRA

Por isso anda a tocar leques com bandurra.

TIBURCIO

Isso, isso; ataca-o por ahi!

ANTONIO GUERRA

E que se importa, enfim o senhor com a minha vida particular para metter-se em attribuições que não lhe pertencem?

TIBURCIO

Certamente!

JORGE

Eu nunca me importei com a vida do senhor, nem com a de ninguem: só me occupo com a minha. Todas as vezes porém, que se dizem na minha presença, cousas de um horror tal como as que deram logar a esta questão, sinto impetos de lançar-me sobre esse monstro, e esphacelal-o como o tigre faminto quando se arroja á presa! E se não lh'o faço agora.... não é porque o tema, nem a esse sujeito que ahi está: é porque o grau da minha educação e o nojo que me inspira é tal.... que me impedem de fazel-o! E para que não me veja forçado a isso pela demasiada grosseria que é peculiar aos senhores.... peço licença para retirar-me!

ANTONIO GUERRA

Pois não! E fica desde já prevenido de que não pora mais os pés aqui!

TIBURCIO

Fazes muito bem!

JORGE

Não porei! Os pobres como eu, filhos d'essa turma de obreiros honrados, não se humilham nunca á gente de sua ordem — á gente de sentimentos tão baixos!

Elles sabem dizer na face de um parvo como o senhor, que a palavra — pobre — tem por synonymo: virtude, honestidade e honradez; a palavra — opulento — canalhismo! estupidez! covardia! infamia! tudo emfim, que ha de vergonhoso! torpe! vil e horrendo!...

ANTONIO GUERRA

Em que se basêa o senhor para me offender tanto!?

JORGE

Na razão, como homem educado; nas minhas mãos e na minha força, como homem vulgar, se quiserem que o seja!

ANTONIO GUERRA

Mas isto é um abuso!

JORGE

E como pugnador pela marcha da civilização, cabe-me o direito, não de insultar, porque não o insultei, mas de — protestar — contra os actos canalhas d'esses que pretendem esmagar as classes proletarias com o miseravel poderío do dinheiro!... (*Avançando para Antonio Guerra e Tiburcio que recuam*) Eu protesto ainda, senhores, contra os vícios e crimes dos infames! da crapula! da *corja opulenta*!... Da *corja* que até com os filhos negocia em praça publica e á luz plena da igualdade!....

ANTONIO GUERRA

(*Comsigo*) Tenho medo de lutar!...

JORGE

Avancem! Para que fogem de mim!... Avancem, miserrimos contrabandistas de carne humana!... Avancem para mim, corja de bandidos!... Vós sois poderosos de dinheiro mas destituídos de intelligencia e de vigor nos musculos!... Se quereis ver o que é honra e dignidade, vinde! vinde á minha casa dizer-me a minima parte de tudo quanto vos disse para verdes como se esbofeteam patifes e covardes como vós, miseraveis!... (*Sae pelo fundo*).

TIBURCIO

Insolente!...

ANTONIO GUERRA

Ah! e eu não ter uma arma!...

(*Cae o panno rapidamente*).

FIM DO 1º ACTO

ACTO II

O theatro representa a mesma scena do primeiro acto.

SCENA I

TIBURCIO, e depois ALICE

TIBURCIO

(Entrando apressado e pensativo pelo fundo, passando pela scena depois de ter atirado com o chapéo para cima do canopé) Lá se vai tudo, com a bréca! Nem compro a pequena, que era uma grande pechincha, por já ter a quem a vender com um bom lucro, nem os outros escravos! Isto só com o diabo! E' o que tem: quem mette estranhos em casa sempre lhe succede d'isto! Nada! A gente só deve andar com os seus! Agora póde Jorge denunciá-lo: sou incommodado, elle gasta dinheiro, e ainda lhe podem pregar com um processo nas costas.... Não sei se eu escaparei tambem....

ALICE

(Entrando pela esquerda) Oh! oh! O caréca ainda não se retirou?

TIBURCIO

Não.

ALICE

(*Pondo o chapéo de Tiburcio na cabeça, e indo puchar-lhe pela casaca*) Diga-me cá, oh ! seu cara-feia....

TIBURCIO

Sae, sae, não me amolles tambem agora; vae-te embora !

ALICE

Embora? embora não; eu estou na minha casa, ora esta; vocemecê é que ha de ir embora porque esta casa não é sua.

TIBURCIO

(*Comsigo*) Estou em brazas; não sei como acabará tudo isto !

ALICE

(*Collocando-se na frente de Tiburcio*) Mas, diga-me cá, seu cabeça de côco pelado....

TIBURCIO

(*Tirando o chapéo da cabeça de Alice, e pondo-o na sua*) Ora bolas ! Eu hoje não estou para brincadeiras ! Não estou para aturar crianças !

ALICE

Não precisa massar-se tanto ; eu tambem não quero brincar com o senhor.

TIBURCIO

(*Comsigo*) Mas, póde ser que elle ainda queira fazer o negocio; o ponto está em elle querer teimar. Teimando, o negocio arranja-se.

ALICE

Olhe; sabe o que eu quero?

TIBURCIO

Dize, dize lá o que é que queres. (*Dando dinheiro a Alice*) Queres um tostão? pega, mas some-te d'aqui; não me amolles mais.

ALICE

Não tem outro?

TIBURCIO

(*Dando novo tostão*) Está bom; olha que isto não é doce, heim.

ALICE

Mas serve para o comprar. Não tem outro?

TIBURCIO

Não. (*Dizendo para si com certo tom*) Dinheiro não é capim, minha filha.

ALICE

Então o que eu quero é outra cousa.

TIBURCIO

(*Massado*) Pois dize por uma vez o que queres!
Anda acaba com isso!

ALICE

Devagar, devagar; oh! senhor! não ha pressa para
onde vamos!

TIBURCIO

Pois sim; mas afinal que diabo queres tu. Dize lá!

ALICE

Eu quero....

TIBURCIO

Sim.

ALICE

Eu quero saber....

TIBURCIO

(*Impaciente*) Vá, queres saber....

ALICE

Para onde foi meu pae.

TIBURCIO

Só isso?

ALICE

Só isto.

TIBURCIO

Nada mais?

ALICE

Nada mais.

TIBURCIO

Pois então anda ahi pela chacara passeando de um canto para outro.

ALICE

Então vou ter com elle.

TIBURCIO

Não vas lá, não; vae antes para junto de tua mãe. Elle agora não te attende; está muito zangado.

ALICE

Pois eu vou fazer diabruras com elle até que se ria. Ha de rir-se quer queira quer não! (*Vae saindo pelo fundo, saltando*).

TIBURCIO

Alice....

ALICE

Senhor.

TIBURCIO

(*Comsigo*) Vamos ver primeiro se a pequena vae com facilidade para minha casa. (*Alto*) Vem cá. (*Senta-se no canapé*)

ALICE

O que é que o senhor quer.

TIBURCIO

Para que fim queres ir ter com teu pae?

ALICE

(*Tirando o chapeo da cabeça de Tiburcio e pondo-o na sua*) Para vel-o e brincar com elle.

TIBURCIO

Então brinca commigo. Olha, chama-me de velho, caréca, cara-feia, tudo o que quizeres ; dize assim ; hú! Eu gosto muito de te ouvir dizer isso; dize.

ALICE

Hú! velho sem juizo, hú!...

TIBURCIO

(*Rindo, amimando-lhe o rosto*) Ah! que espirituosasinha, que espirituosasinha! Dá cá um beijo. (*Beija-a na face*) Tu gostas de mim?

ALICE

(*Tirando-lhe o relógio do bolso, vendo as horas e collocando-o no ouvido*) Gosto.

TIBURCIO

Não gostas, não....

ALICE

Gosto, sim.

TIBURCIO

Queres ir para minha casa?

ALICE

Não.

TIBURCIO

Porque? tens lá muitas bonecas, todas do teu tamanho, meninos muito bonitos para brincarem com elles...

ALICE

São seus filhos?

TIBURCIO

São.

ALICE

(*Fixando o olhar no rosto de Tiburcio*) Brancos ou pretos?

TIBURCIO

Assim, assim.... nem são pretos nem brancos: côr um pouco carregada. Tenho alguns brancos mas esses são apenas tres.

ALICE

Ah! eu gosto muito de molequinhos pequenos. Tem alguns?

TIBURCIO

.... Tenho, mas esses são filhos de outros paes. Queres ir então para minha casa?

ALICE

Me abre o relógio?

TIBURCIO

Isto não se abre.

ALICE

Ora, deixe-me ver o que está bulindo dentro.

TIBURCIO

(*Mettendo o relógio no bolso*) Não se póde ver senão depois fica estragado. Mas queres ir para minha casa?

ALICE

Me dá esse relógio para mim?

TIBURCIO

Para que precisas d'elle?

ALICE

Preciso. Preciso para olhar para elle.

TIBURCIO

Amanhã eu t'o darei. Então, não queres ir para minha casa?

ALICE

Eu vou se abrir o relógio.

TIBURCIO

Então vá lá. A uma menina tão galante é impossivel resistir. (*Abre o relógio, e passa-o para a mão de Alice*)

ALICE

(*Pondo o relógio em todas as direcções para exami-*

nar o movimento do volante) E' muito bonito, heim, Sr. Tiburcio.

TIBURCIO

E'.

ALICE

Mas isto que faz tic-tic, tic-tic, tic-tic, não fica quieto? (*Quer fazer parar o volante com o dedo*).

TIBURCIO

(*Tirando o relógio das mãos de Alice e mettendo-o no bolço*) Ai, ai, ai; nada d'isso! Não se póde bolir nisto senão pára e quebra-se! Quando tu fôres para minha casa, então eu te darei um mais bonito do que este para olhares sempre para elle, sim?

ALICE

Mas isso era preciso que eu fosse.

TIBURCIO

Como! Pois não vaes?

ALICE

Só se mamãe fôr e papae.

TIBURCIO

Não; só vão os pretos.

ALICE

Ah! então eu não vou. (*Encaminhando-se para o fundo, saltando e olhando para Tiburcio*) Não vou, não. Não vou, não vou, não vou! (*Na porta do fundo*) Não vou, caréca! Cara-feia! Hú!... Não vou, velho sem juizo! Hú!... (*Sae*).

SCENA II

TIBURCIO, e logo depois ANTONIO GUERRA e ALICE

TIBURCIO

(*Levantando-se*) O diabo da pequena por bem, já vejo que não vae. Não faz mal; se o pae a quizer vender irá mesmo á força. Mas eu não sei como tocar-lhe neste assumpto. Elle está furioso! está damnado! O melhor é guardar para mais tarde; quando elle estiver mais sereno.... Nada, isto não serve; não convém deixal-o reflectir no caso, do contrario elle diz-me redondamente que não.... Vou atizar fogo com força nas caldeiras. (*Dizendo com certo tom*) E esperemos a explosão. E que medonha explosão não deve ser.... O que vale é que eu já estou afeito a ellas. Vou pro-

cural-o.... e atijar fogo nas caldeiras. (*Vae a sair pelo fundo*).

ANTONIO GUERRA

(*Entrando pelo fundo*) Sae, sae d'aqui!

ALICE

(*Agarrando-se ás pernas de Antonio Guerra*) Não quero que fale com aquelle queijo do reino!

ANTONIO GUERRA

Sae, já te disse!

ALICE

Não saio! Venha falar antes commigo e mamãe que eu não gosto d'elle!

ANTONIO GUERRA

Sae, Alice; vae para onde está tua mãe!

ALICE

Não quero! Papae ha de ir commigo senão eu fico mal com o senhor!

ANTONIO GUERRA

(*Pegandò num braço de Alice e atirundo-a ao chão*)

em direcção á porta do fundo) Ah!... Vae amolar o diabo!... Que impertinencia de creança! Arre!...

ALICE

(Chorando) Ah! Papae é muito mau! Pois eu não gosto mais do senhor, ora ahi está; e eu vou dizer á mamãe!... Deixe estar! eu vou dizer á mamãe! *(Sae pelo fundo chorando até fóra da scena)*.

SCENA III

Os mesmos, menos ALICE

TIBURCIO

Vejo-te tão zangado, Guerra; porque é?

ANTONIO GUERRA

(Depois de contemplar-o silenciosamente) Tambem tu me queres aborrecer. Pois olha não te gabo a escolha da occasião.

TIBURCIO

Não sei porque dizes isso, filho. Apenas me admirei por te ver de tão mau humor.

ANTONIO GUERRA

Pois tu não ouviste o que aquelle canalha me disse?

Tu sempre és muito tolo! Querias, talvez, que eu me pozesse a rir, a brincar, e a dizer asneiras contigo, não é assim? Ora viva! Não estou também para te aturar!

TIBURCIO

Que toleirão! Mas eu julguei que tu já nem pensasses mais nisso!

ANTONIO GUERRA

Ah, se eu tivesse uma cara de estanho como a tua, certamente que não ligaria nenhuma importancia a tudo quanto elle disse.

TIBURCIO

Ora, meu amigo; doido é aquelle que diz tolices, mas é mais doido aquelle que dá importancia a ellas. Vem cá.... Eu sou tolo mas tu és uma porta; não discorres nada.... Não haveria um meio.... de se lhe poder dar uma cambalhota.... assim por descuido, percebes.... e d'ahi.... fazer com que elle vá tocando a marcha....

ANTONIO GUERRA

.... Já pensei muito nisso....

TIBURCIO

.... E.... e então.... não ha quem?

ANTONIO GUERRA

.... Ha....

TIBURCIO

.... De confiança?

ANTONIO GUERRA

.... Creio que sim....

TIBURCIO

.... Como se chama....

ANTONIO GUERRA

.... Bernardo.... Conheces?

TIBURCIO

.... Mal.... E' certo na busca?

ANTONIO GUERRA

.... Dizem que é tiro e queda....

TIBURCIO

.... Tens provas?

ANTONIO GUERRA

.... Tenho.... Desconfio ter-me enganado algumas vezes....

TIBURCIO

.... Não ha duvida.... Gratifica-se melhor.... No voltar d'uma esquina.... ou em sua casa mesmo.... E' elle esperto?

ANTONIO GUERRA

.... Como um alho....

TIBURCIO

.... Serve....

ANTONIO GUERRA

.... Achas que vae bem assim?

TIBURCIO

.... Optimamente.... E o nosso negocio....

ANTONIO GUERRA

.... Sim. Vamos tratar d'isso....

TIBURCIO

.... Tu queres....

ANTONIO GUERRA

.... Aqui não....

TIBURCIO

.... Então onde?

ANTONIO GUERRA

.... Na chacara....

TIBURCIO

.... Porque?

ANTONIO GUERRA

.... Aqui podemos ser surprehendidos....

TIBURCIO

.... Então vamos....

ANTONIO GUERRA

.... Vamos.... (*Saem pelo fundo*).

SCENA IV

ALICE, e depois HENRIQUETA

ALICE

(Na porta da esquerda) Papae ja está melhorsinho?

(*Prócurando pela scena*) Oh! já se foram (*Procura-os para fóra da scena á direita, depois vae á porta do funlo*) Ah! lá vão elles discutindo fortemente. Parece até que querem brigar. (*Vollando-se*) Tudó hoje nesta casa anda de mau humor. Pois neste caso, seja revolução geral. Vou tambem ralhar com mamãe. (*Vae para sair apressadamente pela esquerda, mas pára ao ver entrar Henriqueta pelo mesmo lado*) Ah! vocemecê vem ahi? Ainda bem. Parece que advinhou. Eu queria falar-lhe.

HENRIQUETA

O que queres, minha filha.

ALICE

Quero dizer-lhe que estou muito zangada com mamãe.

HENRIQUETA

Porque?

ALICE

Ora.... porque, já o deve saber.

HENRIQUETA

Não sei, minha filha.

ALICE

Ah! não sabe? Então ouça. Vê como estou hoje bonita? Lindo vestido.... fita muito *chic*.... sapatinhos da moda.... leque.... pulseira de ouro....

HENRIQUETA

Vejo.

ALICE

Pois olhe, foi papae quem me deu tudo isto.

HENRIQUETA

E o que tem isso?

ALICE

.... Não tem nada. (*Bate com as costas da mão direita na palma da esquerda, cantarolando e dançando*)

HENRIQUETA

Já sei, minha filha, estás sentida por eu não te dar um mimo no dia de teus annos, não é assim?

ALICE

Certamente. Hoje que completo nove annos de

idade, mamãe não teve, ao menos, um alfinete exquísito para me dar.

HENRIQUETA

E eu dei-te alguma cousa nos mais annos?

ALICE

Não. Mas, tambem não se segue que a gente coma sempre feijão e carne secca, lá porque um dia a comeu.

HENRIQUETA

Mas eu não posso, minha filha. Eu não te posso dar nada.

ALICE

E como é que papae póde?!

HENRIQUETA

Papae é rico e eu sou pobre.

ALICE

Papae é rico.... Esta é nova. Então como se póde entender isto? O dinheiro de papae não é de mamãe?

HENRIQUETA

Não.

ALICE

Isso não póde ser. Compreendo. O que mamãe quer é desculpar-se. Pois eu tambem não gosto mais de vocemecê, ora ahi está.

HENRIQUETA

Mas, minha filha....

ALICE

Não gosto, não gosto, já disse; não gosto de mamãe, agora só gosto de papae.

HENRIQUETA

Tu ainda és muito pequenina para comprehender a minha posição, Alice.

ALICE

E'. Eu sou pequenina, mas já sei conhecer as marteiras de uma mãe ingrata.

HENRIQUETA

Alice, os escravos não são ricos.

ALICE

Bem, mas são os escravos. E nem tão pouco
isso vem a proposito.

HENRIQUETA

E o que sou eu senão uma escrava ?

ALICE

Escrava !

HENRIQUETA

Sim; sou escrava.

ALICE

Mamãe é escrava? !

HENRIQUETA

Sou.

ALICE

Então eu.... eu tambem sou escrava? !

HENRIQUETA

E's. Não o deverias ser porque a lei não o con-

sente, mas a lei neste paiz, minha filha, só é severa com os pobres.

ALICE

Pois eu sou escrava!... E quem é meu pae?!

HENRIQUETA

Teu pae é o Sr. Guerra.

ALICE

Meu pae é o Sr. Guerra!... (*Para si*) Não entendo nada d'isto.... Quem é o meu senhor?! (*Alto*) E como é que nós somos brancos e os outros pretos?!

HENRIQUETA

Que queres, minha filha, como nós ha muitos.

ALICE

Mas, explique-me, mamãe, o que vem a ser escravo?!

HENRIQUETA

E' um ente condemnado ao trabalho perpetuo e gratuito, e a ser vendido de um momento para outro como qualquer objecto.

ALICE

E quem vende esse escravo?!

HENRIQUETA

O senhor d'elle.

ALICE

E quem é o nosso?

HENRIQUETA

Teu pae.

ALICE

Meu pae?! Pois eu sou escrava de meu pae?! Eu! Eu sugeita a ser vendida por elle?! Vendida por meu pae?!... (*Atirando o leque e a pulseira para longe*) Não! Não quero mais nada do que elle me deu! (*Despe o vestido e atira-o tambem*) Não preciso d'isto! Eu quero a minha roupa antiga, e de hoje em diante não lhe chamarei mais de pae!...

HENRIQUETA

Alice, minha querida filha, o que estás fazendo?!

ALICE

Deixe-me, minha mãe! Não quero ter isto mais

tempo em cima do meu corpo!... (*Atirando-se ao regaço de Henriqueta, chorando*) Eu escrava! Eu escrava!...

ANTONIO GUERRA

(*Fora de scena, exaltado*) Não quero, já disse! Quinze contos é muito pouco!...

SCENA V

Os mesmos, ANTONIO GUERRA e TIBURCIO

TIBURCIO

(*Entrando pelo fundo com Antonio Guerra*) Nesse caso compro-te só a pequena; não te posso dar tanto dinheiro por vinte escravos. Olha: José, Anacleto, João e Agostinho, têm mais de cinquenta annos. Só servem para comer feijão.

ANTONIO GUERRA

Pois, sim, sim, mas no meu tempo, isto é, quando eu negociava nelles, vinte escravos como os meus, davam trinta contos com os olhos fechados.

TIBURCIO

De accordo; mas tu sabes que numa época como esta, em que todo o mundo, infelizmente, é abolicionista, os escravos estão de graça.



ANTONIO GUERRA

Para encurtar razões: prefiro antes um conto pela pequena, do que quinze por todos elles.

TIBURCIO

(*Dando com Henriqueta e Alice*) Olha, alli está ella.

ANTONIO GUERRA

Ah! é verdade. Que diabo está ella fazendo amorando o rosto no collo da mãe? (*Tocando com o pé em Alice*) Olá! Estás dormindo?

HENRIQUETA

Deixe-a, meu senhor!

ALICE

Não, senhor! A escrava Alice não dorme—chora! Chora porque é escrava, quando se julgava livre! Chora porque é escrava—e escrava de seu pae!...

ANTONIO GUERRA

Olá... que é isto?! Nunca te conheci tão atrevida e falando d'esta maneira! Nós vamos conversar a

esse respeito. (*A Henriqueta*) Henriqueta, retira-te que quero ficar só com tua filha!

TIBURCIO

Homem, a pequena parece estar muito arrufada.

ALICE

(*A Antonio Guerra*) Não senhor! Minha mãe não sae sem mim e eu não saio sem ella!

HENRIQUETA

Cala-te, minha filha! não respondas assim a teu pae!

ALICE

Minha mãe! Não diga semelhante coisa! Não tenho mais pae! Eu não posso chamar pae a quem é meu senhor!... Tenho medo d'elle, minha mãe! Tire-me d'aqui. Eu tenho medo d'elle!... (*Chora*).

ANTONIO GUERRA

(*Querendo segural-a*) Dá cá essa pequena, Henriqueta!

TIBURCIO

(*Segurando Antonio Guerra*) Que é isto, Guerra! Olha que é uma criança!

ALICE

Deixe-o, senhor! Deixe esse homem matar-me!... Deixe-o estrangular a sua escrava! a sua filha!... (*A Antonio Guerra*) Eu quero morrer! Mate-me! Mate-me porque eu sei que matando-me será mais tarde um doudo a correr pelas ruas desvairadamente!... Aqui me tem — espedace-me!...

HENRIQUETA

(*Fazendo-a sair de scena*) Alice! Minha filha!...

ALICE

(*Chorando quasi á saída*) Mamãe! Querida mamãe! Deixe-me! Eu quero ver o que é capaz de me fazer aquelle homem!...

ANTONIO GUERRA

(*Sempre seguro por Tiburcio*) Henriqueta! traz me essa criança! traz-me essa criança!... (*A Tiburcio*) Tiburcio! Corre! Vae arrancar-a dos braços de Henriqueta!... E' tua por quinhentos mil réis se a leares já!...

HENRIQUETA

Ah!!!... Venderam minha filha!!!... (*Alice desaparece e Henriqueta impede a passagem*).

SCENA VI

Os mesmos, menos ALICE

TIBURCIO

(*Correndo para a porta onde está Henriqueta*)
Deixa-me passar!...

HENRIQUETA

Não!... Não passarás por aqui, vil traficante de carne humana!...

TIBURCIO

Deixa-me passar, Henriqueta!...

HENRIQUETA

Aqui ninguem passa! Aqui ninguem passa!...

TIBURCIO

Pois vejamos!... (*Lutam*).

HENRIQUETA

Aqui ninguem passa, canalhas!... Ladrões!...
Assassinos!... Aqui ninguem passa!...

TIBURCIO

(*Lutando sempre*) Ah! desgraçada!...

HENRIQUETA

(*Arremessando-o ao chão*) Repito que ninguem
passa! a não ser depois de me matarem!... Rou-
bem-me primeiro a vida visto que tambem me
roubam a liberdade, miseraveis!...

ANTONIO GUERRA

Pois juro que passaremos!... (*Agarra Henriqueta,
atira-a ao chão depois de lutarem, e Tiburcio desappa-
rece*).

HENRIQUETA

(*Caíndo de bruços e soltando um grito dilacerante*)

Ah!... Miseraveis!... Mataram-me!... (*Levanta-se e tenta sair comprimindo os seios, depois de ver Guerra desaparecer pela esquerda*) Foge, minha filha!... Foge ás garras d'estes lobos enfurecidos!...

ALICE

(*Que passa ao fundo nos braços de Tiburcio*) Mamãe! mamãe! Acuda-me! acuda-me!...

HENRIQUETA

Ah!... (*Desmaia*).

FIM DO 2º ACTO

ACTO III

Uma sala modesta em casa de Jorge, com portas lateraes e ao fundo. E' noite.

SCENA I

HENRIQUETA e ALICE

*(Henriqueta está deitada em uma cama ao fundo, excessivamente palida, e tossindo mansamente de quando em vez, tendo a seu lado Alice, pensativa, sentada em uma cadeira, com o braço pousado sobre a cama e a cabeça descansada na palma da mão direita. Em cima de uma pequena meza, collocada junto á cabeceira de Henriqueta, arde uma vela, tendo mais a pequena distancia, garrafas com remedio, copo e calice. Ao levantar o panno, Jorge canta no interior da scena um romance, triste, pungente— O CANTICO DA ESCRAVIDÃO) **

HENRIQUETA

(Falando com muita pausa, ouvindo um relógio dar meia noite) Meia noite! Pobre Jorge.... Não basta o incessante trabalho do dia para o fatigar.... Ainda

* Poesia de Mucio Teixeira, expressamente escripta para este drama, e musica do inspirado maestro brasileiro Dr. Abdon Milanez. Vide a ultima pagina d'este livro.

trabalha.... e trabalha por minha causa.... Trabalha para pagar o dinheiro que pedio para a minha liberdade.... Ah! quem dera que todo o povo brasileiro fosse como esta creatura.... (*Cae em repouso*).

ALICE

Mamãe, ja são horas de tomar o seu remedio.

HENRIQUETA

O meu remedio, Alice? Para que?! Não me servem de nada esses paliativos, minha filha.

ALICE

Ora, para que ; para acalmar as suas dôres.

HENRIQUETA

Eu não tenho dôres, Alice.... o que eu não tenho é vida.... Roubaram-m'a, querida filha, roubaram-m'a.... Foi teu pae.... aquelle monstro.... aquelle infame.... (*Chora*).

ALICE

Querida mãe! Não se lembre d'esse homem, porque sempre fica peor, e isso faz-lhe muito mal! Olhe, faça a vontade á sua filhinha, sim? Eu vou dar-lhe o remedio. O doutor que o receitou é porque lhe faz bem ; por conseguinte deve tomal-o.

HENRIQUETA

(*Contorcendo-se*) Alice. .. Eu sinto-me mal.... muito mal.... Creio que morro, querida filha....

ALICE

Não morre, não; o remedio vae-lhe fazer bem. (*A' parte, chorando*) Oh! eu creio que fico sem mãe! Sem a minha pobre mãe! (*Deita um dos remedios no calice e dá-o a beber a Henriqueta acompanhado de um beijo na frente*) Mamãesinha! tome o seu remedio, sim?

HENRIQUETA

Sim, Alice, eu tomo-o apenas para te fazer a vontade. Mesmo, porque, a agua pura dada pelas tuas mãos, parece restituir-me aquella saude de ferro que eu tinha antigamente.... Aquella saude que tanta pena tenho de não possuir. (*Bebe*) Alice.... Para não interromper o Sr. Jorge no seu trabalho, ou a tua vóvósinha, da-me a tua mão e conduze-me á sala de jantar.... Junto á janella que dá para o jardim. Ahi, o ar deve ser mais fresco.... mais puro e mais livre, minha filha.... Aqui estou abafada.... Sinto-me asphyxiar....

ALICE

Pois vamos, mamãesinha, vamos. (*Saem pela esquerda. Alice leva a luz*).

SCENA II

LUIZA, e depois ALICE

LUIZA

(Entrando com luz pela direita e dirigindo-se ao leito de Henriqueta) Não está. Sem duvida foi para a sala de jantar. Pobre mulher. Muito me custa ser testemunha de tantos soffrimentos e de tantas lagrimas. Ninguem imagina as torturas porque passa o meu coração, quando um escravo verte uma lagrima no momento em que se lembra da sua triste condição, ou quando as carnes lhe doem feridas pelo látego de um mau senhor! Ah! e nós, os brasileiros, conservamos ainda esta lei barbara e fatal: consentindo o homem escravo do homem!

ALICE

(Entrando chorosa pela esquerda, e dirigindo-se a Luiza) Ora, vóvósinha, mamãe está cada vez mais doente. Diga-me: ella morrerá?

LUIZA

(Sentando-se e acariciando Alice) Creio que não, minha filha. O medico espera salvá-a.

ALICE

Ah! se elle estivesse sempre aqui, era muito melhor.

Quando elle vier, havemos de dizer-lhe que fique até mamãe ficar boa, sim, vóvósinha?

LUIZA

Isso é impossivel por muitos motivos, minha filha. Primeiro, é que não podemos pagar tantas despezas; segundo, é que o pouco que Jorge ganha, mal chega para o imprescindivel quotidiano. Além d'isso, precisamos pagar o dinheiro que Jorge pedio para a liberdade de tua mãe.

ALICE

Isso é verdade, vóvósinha. Mas que venha ao menos duas vezes por dia.

LUIZA

Pois sim. Elle ha de vir. Bem, minha filha, por hoje basta de conversa. Vae deitar-te que já é muito tarde.

ALICE

Não, vóvósinha, d'aqui a uma hora eu irei. Ainda não tenho somno.

LUIZA

Então eu vou ver se faço alguma costura; mas se tua mãe piorar, previne-me logo, ouviste?

ALICE

Sim vóvósinha, mas antes de vocemecê ir, eu quero um beijo.

LUIZA

Pois sim. (*Beijam-se reciprocamente*) Vae. Vae ter com ella. Não a deixes só. (*Sae pela direita*)

ALICE

Sim vóvósinha. (*Sae pela esquerda alta*)

SCENA III

BERNARDO e ANTONIO GUERRA

BERNARDO

(*Entrando pela porta do fundo*) Felizmente a porta está aberta.

ANTONIO GUERRA

Vê lá, Bernardo, não venhas sem ella; olhá que quinhentos mil réis não se pódem perder.

BERNARDO

Não ha duvida.

ANTONIO GUERRA

A respeito de Jorge.... já sabes.... Mette-lhe a faca direito, ouviste Bernardo. Se uma facada não bastar, dá-lhe tres ou quatro.... Não o deixes com vida....

BERNARDO

Esteja descançado. Confie na minha coragem. (*Encosta a porta*) Estás arranjado, meu palerma; se os vir até hei de fugir d'elles, para nem ao menos lhes metter medo. Quer aquelle patife que eu furte a menina Alice e dê cabo do Sr. Jorge; mas d'essa está elle muito livre: é cousa que nunca fiz nem faço. O que eu quero é chupar o cobre d'estes tratantes.

ANTONIO GUERRA

(*Fóra*) Já viste alguém, Bernardo?

BERNARDO

Mau, já elle começa....

ANTONIO GUERRA

Heim?

BERNARDO

(*Para fóra*) Ainda não vi nada! (*Comsigo*) Ora,

vamos a vêr como me saio d'esta alhada.... Isto só com o diabo.... Muito custa a ganhar a vida.... deshonradamente. Se me pegam.... já se sabe.... é por ladrão.... Emfim quinhentos bicos não é marimba.... Mau.... Estou com um medo de criar bicho.... Se algum sujeito surge por qualquer d'estas portas.... eu raspo-me por aqui fóra como um raio.... O cobre já está a ferros....

ANTONIO GUERRA

Nada....

BERNARDO

Nada, meu caro. O que lhe digo é que os quinhentos não chegam.... Estou raspando um susto que nem com o dobro se paga.... Se quer que eu fille a pequena e empurre a faca no Sr. Jorge, passe para cá mais quinhentos....

ANTONIO GUERRA

E se não fizeres nada?

BERNARDO

Ora, que boa pergunta, se não fizer nada, perde-o todo: não lhe dou vintem.

ANTONIO GUERRA

Está bom, toma lá! Mas traz-me ao menos Alice!

BERNARDO

Ah! já se vê. (*Para si*) Mais quinhentos.... Bem bom; não ganho outros com tanta facilidade.... (*Escutando*) Mau.... mau.... já não estou satisfeito.... (*Gaguejando*) Ouço um rumor que me faz arrepiar os cabellos.... (*Passa-lhe um rato por entre as pernas*) Ui! ui!... que é isto?!... (*Cae de costas e reparando*) Oh! com os diabos! Era um grandé rato! Bonito! Com este estrondo são capazes de vir por ahi, e acabam-me com a vida!

ANTONIO GUERRA

Que foi, Bernardo?

BERNARDO

Va-se para o diabo! Fui eu que dei com as costas no chão, seu grandissimo camello! Você meteu-me em boas! Olhe, sabe que mais? Passe mais quinhentos para eu fazer o serviço com a limpeza devida....

ANTONIO GUERRA

Depois!

BERNARDO

(*Escutando*) Chi! Preciso esconder-me.... Parece que ouço passos... (*Procurando*) Onde hade ser.... Ah! aqui! (*Enfia-se por baixo da cama, e ouve-se o estrondo de louça que se quebrou*) Oh! com um milhão de raios!.... Agora estou de escabeche!...

ANTONIO GUERRA

Agarraste....

BERNARDO

Agarrei o diabo que o carregue! O que eu agarrei foi um grosso banho! (*Escutando*) Qual! A esta hora tudo está ferrado no somno que não é graça.... Nada.... Se me safar bem desta, noutra não me metto.... O melhor é sair d'este logar que está um pouco desagradavel (*Sae debaixo da cama*).

ANTONIO GUERRA

Então....

BERNARDO

Então o que?!

ANTONIO GUERRA

Apanhas-te a pequena?

BERNARDO

Qual pequena nem qual diabo! Esqueça-se d'isso! Vá saíndo de traz da porta, porque se me vejo em apuros vae você, porta e tudo aos trambulhões! (*Escutando*) Mau, mau.... Agora é certo.... (*Indicando a esquerda*) Para aquelles lados anda gente acordada.... E' a menina que vem para aqui! Bonito! Já não tenho tempo de alcançar a rua.... Estou arranjado! Para baixo da cama é que eu não volto.... (*Dando com um movel*) Aqui mesmo.... (*Vue para esconder-se, mas ouve duas vezes o bufar forte de um gato*) Safa, diabo!... Mau, mau, digo eu, com um raio de diabos!...

ANTONIO GUERRA

Então?! Que fazes!?

BERNARDO

(*Para si*) Faço o diabo que o carregue! Não me amolle! Oh! senhor! nesta casa não mora gente! Aqui creio que só ha bruxas (*Espreitando*) Não veio. Bom! Pelo sim, pelo não, vou-me pondo na rua. Se eu soubece que tinha de raspar um susto d'estes nem por dois contos eu vinha cá.... Ou! ou! ou! com um raio de diabos!.... Irribus! Aqui tem cada um rato que mette medo! Deixem estar que eu livro-me de vocês, não tarda muito! (*Olhando em redor de si, dirigindo-se para a porta do fundo, e espreitando que não venha alguém*) Xó mosca.... Não me mordas....

Não venhas.... Olhem que as minhas pernas não são de toucinho.... (*Procurando a porta*) Não venhas.... Onde será esta maldita porta! (*Procurando algum rato em redor de si*) Xiiiito.... Não venhas.... não venhas, diabo! (*Abre a porta*)

ANTONIO GUERRA

(*Apparecendo*) Então; vem a pequena?

BERNARDO

Nem pequena, nem grande! Vá você procurá-la!
(*Olhando em redor de si*) Xiiiito.... Não venhas....

ANTONIO GUERRA

Como!? Não a viste?!

BERNARDO

(*Olhando sempre em redor de si*) Xiiiito.... não venhas....

ANTONIO GUERRA

Que Xiiiito! que não venhas! que nada! Não ouves o que eu te estou dizendo?!

BERNARDO

Ouço; mas aqui têm muiro rato. Querem-me carregar com as pernas; pensam que é toucinho! (*Levantando ora um ora outro pé*) Xiiito....

ANTONIO GUERRA

Mas eu não quero saber d'isso! O que eu quero saber é da pequena!

BERNARDO

Olhe, entre; entre e procure-a; eu fico na porta! (*Passa para o lado de fóra*).

ANTONIO GUERRA

E o meu dinheiro?

BERNARDO

O que o senhor tem é seu, porém o que está na minha mão é meu.

ANTONIO GUERRA

(*A' parte*) Ai que fui roubado! (*Alto*) Bem. Nesse caso, eu vou procural-a; mas se ouvires algum grito, acode immediatamente, ouviste? Depois.... terás

mais uma gorgeta. (*A' parte*) Hei de dar-te mas ha de ser um corno.

BERNARDO

Sim senhor. Entre, entre! Póde entrar sem susto! Se houver alguma differença eu acudo mais depressa que um raio.... para desmanchal-a!

ANTONIO GUERRA

Vê lá!

BERNARDO

Não ha duvida, entre!

ANTONIO GUERRA

(*Meio duvidoso*) Vê se procedes como um bom *typographo*!

BERNARDO

(*Para si*) *Typographo*! Que diabo quer elle dizer com isto?! (*Alto*) Sim.... Entre, entre, que estamos perdendo tempo.

ANTONIO GUERRA

(*Depois de entrar e voltando-se*) Olha, deixaste prompto o Jorge?

BERNARDO

Qual! E eu nem o vi!

ANTONIO GUERRA

Ah! os diabos te carreguem! (*Desce*).

BERNARDO

Meu amigo! Eu apesar de ter por tecto as estrellas brilhantes do céo, e por cama os lagedos frios da rua, tambem sou abolicionista! Fecho-te a porta para seres obrigado a experimentar os pulsos do Sr. Jorge e depois, ires passar algum tempo engaiolado! Aguenta-te agora! (*Fecha a porta, ouvindo-se dar duas voltas á chave*).

SCENA IV

ANTONIO GUERRA e depois ALICE

ANTONIO GUERRA

Quero raptar minha filha! Hei de fugir com ella para muito longe d'aqui. Ah! Jorge, Jorge! Tu denunciaste-me á policia como fraudulento da lei de 28 de Setembro! Alforriaste Henriqueta, e, finalmente, fizeste-me gastar perto de trinta contos de réis com a compra da lei e dos magistrados! Mas juro-te que hei

de vingar-me, vingar-me atrozmente de ti e de tua mãe! Hei de roubar-vos o ente que amais e que agora amo tambem! Mas o meu amor é nascido da raiva e do odio que vos tenho a todos, canalhas! (*Espreitando pela esquerda*) Oh! felicidade! Ahi vem Alice.... e vem só.... Preciso agarral-a e amordaçal-a sem que ella me veja.... (*Esconde-se atraz de um movel, e Alice atravessa da esquerda para a direita com luz*) Tive medo de segural-a.... (*Espreitá pela esquerda, e como não vê ninguém, vae para seguir Alice, mas pára repentinamente*) Ahi volta ella! (*Esconde-se de novo*)

ALICE

(*Entrando e indo collocar a luz sobre a mesinha ao lado do leito de Henriqueta*) Todos dormem. Eu mesma vou fazer o chá para minha boa mãe! Andam todos com tanto somno que dormiram conforme trabalhavam. O Sr. Jorge, sentado á escrivaninha, deitou a cabeça sobre os livros, e ahi adormeceu. E a vóvó-sinha fez o mesmo debruçando-se sobre a machina de costura. Coitados! Pobre gente!

ANTONIO GUERRA

(*Comsigo*) Ainda bem que todos dormem! O accaso parece proteger-me!

ALICE

Eu tambem já estou com muito somno, mas vélo e

velarei, por minha mãe enquanto poder! (*Dando com Antonio Guerra*) Um homem.... (*Quer fugir, mas pára ao reconhecê-lo*) Este homem aqui?!...

ANTONIO GUERRA

(*A' parte*) Deu commigo!

ALICE

(*Voltando*) Como entrou o senhor nesta casa?!... Ah! agora me lembro, fui eu que deixei a porta aberta; mas será esta a ultima vez que isto succede! Faça favor de sair, e já, antes que minha mãe o veja!

ANTONIO GUERRA

Alice, minha querida filha!

ALICE

O que?! Eu filha do senhor? O senhor está enganado!

ANTONIO GUERRA

Pois tu não és minha filha?!

ALICE

Não senhor.

ANTONIO GUERRA

Então quem é teu pae?!

ALICE

Não o conheço.

ANTONIO GUERRA

Nem o queres conhecer?

ALICE

Tambem não o quero conhecer.

ANTONIO GUERRA

Porque?! Qual é o motivo?!

ALICE

O motivo é simples. Tenho ouvido dizer que meu pae é um canalha, um patife, um miseravel, e, finalmente, um monstro formidavel, porque matou minha mãe e quiz vender-me! Vender-me quando eu era sua filha! e de mais a mais — livre de nascença! Portanto.... não devo conhecer semelhante homem!

ANTONIO GUERRA

Pois teu pae sou eu, Alice.

ALICE

Ah! é o senhor? Pois olhe, não tenho nenhum prazer em o conhecer.

ANTONIO GUERRA

(*Aproximando-se lentamente de Alice para segurar-a*) Tens aprendido muito depois que estás com tua mãe, Alice....

ALICE

Certamente. Aprendi muito com ella, porque me parece uma mulher intelligente, meiga, e docil. Uma mulher que abre o coração para a caridade, que é a sua religião, e para o bem de todos, que éo seu Deus. Emquanto que o senhor, muito ao contrario — tem como religião o dinheiro, e como Deus o crime! Digo isto, por já o conhecer ha muito tempo, e tel-o ouvido dizer ao Sr. Jorge. Já vê, pois, que tenho razões de sobra, para preferir as lições de minha mãe, e desprezar as suas. Entretanto, não consinto que dê mais um passo para mim, do contrario, dou um grito cujo resultado será o senhor sair virando pernas com cabeça por aquella porta. (*Indica o fundo*).

ANTONIO GUERRA

Tu tens coragem de me falar assim, Alice?

ALICE

E' verdade. Mas o que é mais admiravel, não é o que eu lhe tenho dito, é o senhor ser meu pae, e não ter força para repellir as minhas malcreações. O que é estar em casa alheia como um ladrão, heim?

ANTONIO GUERRA

(*Ameaçando-a*) Ah ! desgraçada !...

ALICE

Não me ameace. E previno-o que se o fizer segunda vez, eu chamo por soccorro e o senhor terá que sair mais depressa, como já disse.

ANTONIO GUERRA

Mas tu não vês, Alice, que eu sendo teu pae, não tens o direito de me offender assim?

ALICE

Se eu não tenho o direito de o offender, porque sou sua filha, menos direito tinha o senhor de me vender.

ANTONIO GUERRA

(*Contendo-se a custo com rava*) Alice, escuta-me....
Esta conversa não vae bem assim.... (*Caminha
para Alice*).

ALICE

Não tenho nada que ouvir-lhe. A magnolia, quando se lhe chega com os labios, sécca; ouvi dizer que o mesmo succede a uma familia honesta: quando os homens crapulosos a frequentam, a peçonha apega-se-lhe e a virtude some-se. Portanto, não quero que me toque nem que me fale.

ANTONIO GUERRA

Ah! é muita insolencia de uma creança!...

ALICE

Que eu o insulte e desrespeite, não admira, porque sou filha de uma escrava e como tal sem educação. Mas o senhor.... sendo um homem velho.... rico.... e querer vender-me.... Não sei qual terá mais culpa! ou qual o mais ousado!

ANTONIO GUERRA

(*Querendo ameaçal-a*) Mas, creança, tu não vês que eu....

ALICE

Mais um passo para mim, e mais um segundo nesta casa, não sei que será do senhor!... Para poupar, porém, o socego de minha mãe, já não ordeno: peço-lhe que saia!...

ANTONIO GUERRA

Alice, minha filha....

ALICE

E o senhor teima em me chamar de filha, não é? pois eu não quero que o senhor seja meu pae!

ANTONIO GUERRA

Alice.... tu julgas me muito mau, mas affianço-te que sou teu amigo.

ALICE

Meu amigo?!

ANTONIO GUERRA

Sim; muito teu amigo!

ALICE

E' admiravel! Na verdade ha gente muito corajoza! Pois eu sinto, senhor, dentro d'este peito, uma qual-quer cousa que me faz nascer um rancor, um odio tal, que se eu fosse mulher, succumbia, é certo, esmagada debaixo de seus pés, mas dava-lhe neste momento uma bofetada!

ANTONIO GUERRA

(*Recuando*) Ah!... Isto é um sonho! Isto não é realidade!...

ALICE

Uma bofetada, seria a desforra de todo o mal que me tem feito.... e á minha santa mãe que dentro em pouco vae morrer!...

ANTONIO GUERRA

(*A' parte*) Não poder eu esmagar-te como uma serpente!...

ALICE

Gosta de mim!... E entretanto quiz vender-me!... (*Com suave tristeza*) Vender a sua propria filha! O seu anjo, que eu julgava ser!

ANTONIO GUERRA

(*Querendo arrojarse sobre Alice*) Mas tu não vês que, demasiadamente, tens abusado da minha paciência, Alice?!

ALICE

Póde exasperar-se como quizer, porque não o temo. Em um momento chamo quem me acuda! (*Encaminhando-se com altivez para Antonio Guerra*) Agora, quem fala, não é mais a sua filha, nem mais a sua escrava!... E' uma creança livre como o senhor!...

ANTONIO GUERRA

(*A' parte*) Se esta casa não fosse d'elle....

ALICE

Da sua parte existe a força, porque é homem, da minha, a fraqueza porque sou creança, mas eu tambem tenho um homem por mim, e um homem a quem o senhor respeita! Um homem que só em olha-l-o fulmina-o!... Fulmina-o porque eu tenho ouvido dizer ao Sr. Jorge, que os patifes e covardes têm temido mais de uma vez a fixidez do seu olhar e a energia do seu pulso!...

ANTONIO GUERRA

(*Atirando-se sobre Alice e segurando-a brutalmente*)

Ah!... Desgraçada!... Agora.... (*Aperta-lhe o pescoço*).

ALICE

Socorro!... Socorro, que me matam!...

ANTONIO GUERRA

(*Apertando sempre o pescoço de Alice*) Ah! Agora estou vingado!... Vingado da rebeldia infame d'esta creança!...

ALICE

(*Mal podendo gritar*) Socorro!... Socorro!...

SCENA V

Os mesmos, JORGE e logo depois LUIZA

JORGE

(*Fóra de scena*) Alice! Alice!... (*Na porta da direita*) O que é, Alice!?

ANTONIO GUERRA

(*Deixando Alice prostrada*) Tambem tu! Pois bem! vaes morrer!... (*Desfecha dois tiros de pistola sobre Jorge*).

JORGE

Nem sempre a bala de um estúpido opulento e de um miserável assassino, atravessa o crâneo de um plebeu distinto!... *(Atira um forte murro na cabeça de Antonio Guerra, fazendo-o cair).*

LUIZA

(Entrando pela direita) Que foi isto, Jorge? ! Que foi isto?!...

ALICE

(Que tem estado caída fazendo leves signaes de quem precisa de ar) Ai.... ai....

SCENA VI

Os mesmos e HENRIQUETA

HENRIQUETA

(Na porta da esquerda alta, vendo Antonio Guerra e a filha caída) Minha filha, morta!... Ah!... *(Cae desmaiada).*

JORGE

(Correndo a levantar Henriqueta) Henriqueta!...

Oh! pobre Henriqueta!... Está perdida, minha mãe! Este choque matou-a!... (*Jorge e Luiza levam-na para o leito. Antonio Guerra, aproveitando-se d'este ensejo, foge pela esquerda*).

ALICE

(*Muito à custo, dirigindo-se a Henriqueta*) O que succedeu á mamãe?!

JORGE

Um medico!... Um medico, minha mãe!...

HENRIQUETA

Para que, Sr. Jorge; para que chamar o medico inutilmente. Elle não vem mais a tempo de encontrar-me com vida.... Não sabem o meu estado? Eu morro... morro já.

JORGE

(*Para si*) Oh! eu não sei o que possa fazer para salvar-a!... Eu não sei!...

LUIZA

(*Para si*) Pobre Henriqueta!... (*Chora*).

HENRIQUETA

Onde está minha filha.... Creio que a ouvi falar...

ALICE

Mamãe! Mamãe! O que lhe succedeu?!...

HENRIQUETA

(*Vendo-a*) Ah! estás ahí? Vi-te caída, minha filha, e julguei-te morta.... Vi mais.... (*Cheia de medo, abraçando Alice, como que escondendo-a de alguém*) Onde está aquelle homem?!...

JORGE

Tranquillisa-te, bôa Henriqueta, fugio!

(*Ruge em surdina na orchestra, um cantico dorido, suave e triste* — O CANTICO DA ESCRAVIDÃO).

HENRIQUETA

Ah! ainda bem! Morro socegada.... (*Abraçando Alice*) Vem cá, minha filha.... Deixa abraçar-te.... Deixa-me exhalar o ultimo suspiro abraçadinha a ti.... Symbolisa isto que ainda depois de morta procuro defender-te.... (*Vendo Alice cobrir-lhe o rosto de beijos e de lagrimas*) Tu choras, Alice? As tuas lagrimas caem sobre as minhas faces como gotas ar-

dentes?! Porque?! Não vêes que te fica ainda um pae e uma boa mãe? Não vêes que se interessam pela tua felicidade, e que te estimam como filha? Para que choras pois?! Eu não te faço nenhuma falta, querida filha...

LUIZA

Henriqueta, esses pensamentos fazem piorar o teu estado!

HENRIQUETA

(*Apertando a mão de Luiza, depois de prolongado silencio*) Adeus, minha amiga... (*A Jorge, que se aproxima do leito*) Adeus, meu unico protector.... Continúa, amigo; continúa, homem do progresso; continúa a trabalhar pela santa causa dos escravos e não te importes com os maldizentes, — a historia levará osteus feitos cobertos de louros ao conhecimento das gerações vindouras! (*Anceia mortalmente*).

JORGE

(*Afflicto*) Henriqueta! Vive, boa Henriqueta! Vive!...

HENRIQUETA

(*Para Alice*) Adeus, minha filha: sonho dourado

da minha mocidade.... Não te deixo fortuna para garantir o teu futuro, mas os homens são os únicos culpados: não me deixaram trabalhar para mim — roubaram-me a liberdade, a vida e o trabalho; mas deixo-te um pae carinhoso e uma mãe estremecida.... Adeus.... (*Sentindo uma dor pungente e desconhecida*) Sinto.... a fria lamina da morte.... rasgando-me o coração.... Ah! infame!... Ah! miseravel!... (*Deparando com Antonio Guerra, quer levantar-se ficando nelle o olhar firme e medonho*)

ANTONIO GUERRA

(*Que tem entrado pela esquerda, ouve as ultimas palavras de Henriqueta e recuando horrorizado*) Infame!...

HENRIQUETA

Assassino!... (*Não desviando o olhar de Antonio Guerra, vae caindo de novo com o resto do corpo sobre o leito, tentando ao mesmo tempo esconder a filha, pronunciando imperceptivelmente a palavra — assassino — até morrer*)

ANTONIO GUERRA

(*Espavorido*) Que olhar medonho.... Aquillo não é mulher.... é uma figura horrorosa.... saída do inferno!...

JORGE

(*Vendo Henriqueta morta*) Henriqueta!... Henriqueta!...

LUIZA

Henriqueta!... Oh! morreu!... (*Chora*)

ANTONIO GUERRA

(*Sempre horrorizado*) Morta!...

ALICE

Oh! morreu a minha querida mãe!... (*Chora*)
(*Tem-se extinguido lentamente a surdina*)

ANTONIO GUERRA

(*Com um horror de doido*) Morta.... Sim.... matei-a.... matei-a quando vendi sua filha.... atirando-a.... atirando-a ao chão.... (*Tenta esconder-se*)

JORGE

(*Pegando no braço de Antonio Guerra, e levando-o até junto de Henriqueta*) Contempla a tua obra, desgraçado!... E' mais uma victima!... E' mais um facto repugnante registrado nas paginas da historia da *corja opulenta* e ignorante!...

ANTONIO GUERRA

(Indo examinar o cadaver de Henriqueta, enlouquece e dá gargalhadas com toda a força pulmonar, interrompendo-as com a phrase:) — Matei-a!...

JORGE

(A Luiza, indicando Antonio Guerra) Veja, minha mãe! Foi no passado um monstro digno de odio; hoje, é um desgraçado que merece compaixão!...

(Antonio Guerra, solta ainda gargalhadas)

LUIZA

Pobre homem!...

(Antonio Guerra continúa a dar gargalhadas estridentes).

(Cae o panno lentamente)

FIM DO 3º E ULTIMO ACTO

O Cântico da Escravidão

Funesta escravidão!... Terrível sorte
A d'essa triste raça perseguida,
Que é arrojada aos páramos da morte
Pelos tufões mais rispídos da vida!...

E dizer que **inda** existem creaturas
Que escravizam seus próprios semelhantes:
E lhes infligem bárbaras torturas,
Matando-as em supplicios lacerantes!

O escravo é na patria um forasteiro,
Curvado sempre ao jugo de oppressôres;
Arrastando os grilhões do captiveiro,
Leva n'alma só lagrimas e dôres!...

Leva n'alma só lagrimas de sangue,
Leva as carnes de látegos feridas,
Até que um dia cái, exausto, exangue,
Como as feras que morrem esquecidas...

O captivo não acha um peito amigo,
Risos de irmã, nem beijos de consorte!
E ou tem de errar nos ermos, sem abrigo,
Ou de rastros, no *eito*, espera a morte!...

A escrava...nem lhe é dado ser esposa!
E se é mãe,—nas senzalas, ás rizadas,
Arrancam-lhe o seu filho! E ha quem ousa
Violentar-lhe as filhas... —a pancadas!...

E dizer que inda existem creaturas,
Que escravizam seus proprios semelhantes:
E lhes infligem bárbaras torturas,
Matando-as em supplicios lacerantes ...

Mucio Teixeira.

DO MESMO AUTOR

PUBLICADOS

- FILHOS DA CANALHA, drama em 3 actos, representado no
theatro S. Luiz em 1883 1\$000
- CORJA OPULENTA, drama em 3 actos 1\$000
- Estas peças acham-se á venda na livraria B. L.
Garnier, rua do Ouvidor, 71.

NO PRÉLO

- ALTAR DO VICIO, drama em 4 actos, prefaciado por Mucio
Teixeira e com musica do maestro Dr. Abdon Milanez.

A PUBLICAR

- CRAPULA, drama em 4 actos.
- A INVEJA, drama em 4 actos.
- MARTYR, drama em 4 actos.
- O CONTRABANDISTA, drama em 5 actos e 11 quadros, extrahido
de um romance.
- MALABAR, scena dramatica.
- O ENGEITADO, scena dramatica para um menino